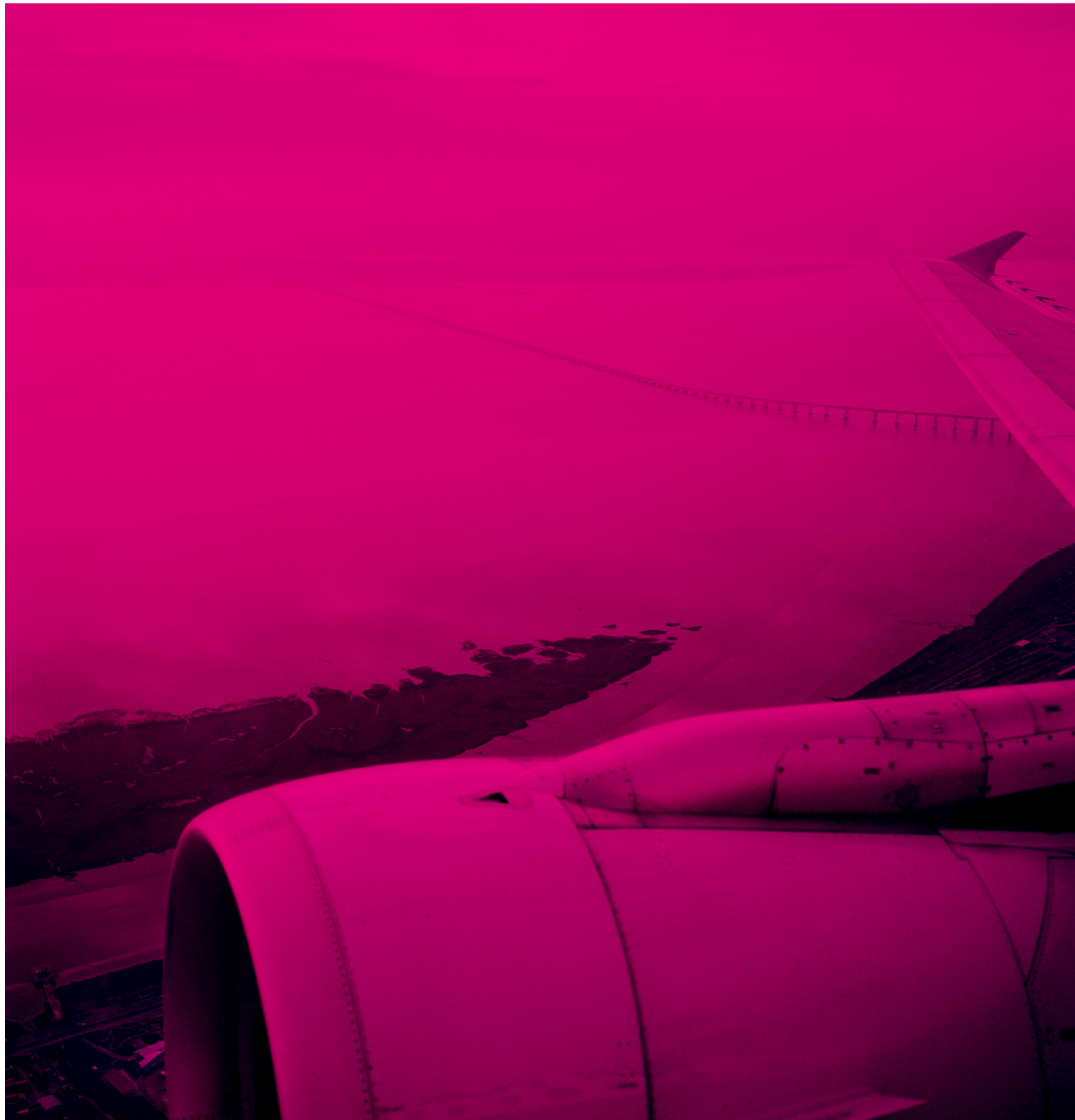




1

Alexandre Alves Costa

Editorial

Is it Gardella you Want Me to Talk about?¹

I

Thank you, Paulo, for the airplane.²

I did not travel on it, even when you brilliantly illustrated my thoughts and reasons.

Your plane, in order to move, does not need to overcome the physical obstacles in front of it. It travels through the liquidity I feel in its metaphysical purity.

It doesn't transport me, it helps me. It takes me to Italy.

It moves me.

II

Warning

I like to share, impudently, my state of mind, jotting down notes that perhaps contain, to my shame, some autobiographical aspects.

At least I know, with Almada Negreiros, that since they are not scientific, they are not false either.

When it comes to Italy, my passion goes beyond lucidity, so I am grateful to them for helping me escape the mediocrity of political correctness.

But suddenly I caught a glimpse of La Capitana³ and realised that what distinguished her from Meloni was the colour, the modern tone and the fake smile.

Beware friends, for our city is in ruins, as are our wellbeing, our loves, joys and sorrows. Will we, will I, have the courage to continue, perhaps remembering the bitterness felt by our colleague Rutilio Ceccolini?⁴

It is true that today's political spectrum has, as its structural programmatic reference, the so-called social-political stability, a symbol of the necessary moderation and balance required of any politician.

Let me warn you that I am on the other side and that, at the moment, I strongly defend anti-fascist, creative and revolutionary instability.

¹ Ignazio Gardella (Milan, 1905–99). He is a much-loved Italian colleague, responsible, with others, for renewing or overcoming the language of Modernism. The use of his name is metaphorical and in no way expresses an underestimation of his work.

² Reference to a photo by Paulo Catrica (Lisbon, 1965) taken from the porthole of a plane in flight, which was used in the poster of the conference *À margem*.

³ Ines Donati, known as *La Capitana*, was a nationalist and fascist activist, among the rare women who took part in the March on Rome.

⁴ Author of the design for the monument to Ines Donati in San Severino Marche (1928).

Fig. 1

Picture by Paulo Catrica (Série Terminal, 2007)

Cuando Calienta el Sol⁵

It is clear to me, and it won't be to others, that it is not interesting to establish some kind of structure of crossovers and negative or positive influences between Italian and Portuguese architecture. On the contrary, it is relatively easy to find these relationships and, I will say more, somewhat provocatively, it would even be possible to do so with the architecture of the island of Java.

It is interesting to feel that, when one wants to study, analyse or criticise a significant set of works, whether in an era, a landscape or a country, one looks for the political facts that can justify it, forgetting that memory, the always precarious circumstances, the infinite creativity of man, his enormous weaknesses and immense qualities, etc., are probably more relevant in the specific case of each work, at any given time.

But what are you asking me? To talk about Gardella, Aymonino, Libera, Távora, Alberti, Vitruvius, Diogo de Sagredo, Nuno Portas?

Perhaps of the master Diogo de Torralva, to whom King João III commissioned a temple in imitation of the one at Delphi, in order to transform Évora into a Roman City, and he, a good connoisseur of Antiquity, built an Aqueduct that was hidden, only to be discovered as an antiquity. After these operations, Évora seems even more rural and pastoral.

It does not seem possible that you want to remember Don Miguel da Silva, Bishop of Viseu and Cardinal of the Roman Catholic Apostolic Church, who died in Rome, the object of our young monarch's rancour.

Don Miguel invited the Italian architect Francesco da Cremona for various projects, including the Chapel/Lighthouse of St. Michael the Archangel in Porto, the first entirely Renaissance building in Portugal.

Perhaps you would like to remember our great humanist, Francisco de Holanda, who treated Michelangelo as an equal and who, in the report of the grant granted to him by the monarch, 'Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa' (Of the works lacking in the city of Lisbon, editor's note) of 1571, illustrated with marvellous drawings, investigated what was in Rome and what was missing from our capital?

But do you want me to talk about Gardella?

No friend, we are not asking you for a reflection on architecture or architects. But rather on concepts, obviously starting with the works, but forget the works...

So, I will confidently leave the floor to the historians, let them enjoy themselves, because we base these erudite studies on our works or those of our

⁵ It refers to a popular Spanish language song released in 1961, and later interpreted by many singers, such as the American Connie Francis.

friends.

But in the end, what do I care about Italy?

I am interested in light, so clear and transparent that when we look at it we do not feel its external effects on the earth, but its very condition.

The present time is not bright, it is immersed in a layer of darkness from which it hopes to emerge to annihilate those who want to annihilate it.

Perhaps this is why our King João III honoured his bursaries in Italy, so extraordinarily rich in its diversity, even after Garibaldi.

Later, repentant, he set them on fire in an "autodafé" in Lisbon, tortured and condemned them by the Holy Inquisition.⁶

Certainly, the clarity of that sky has avoided the pain and the ashes that, scattered across the world, preserve our hope.

No, I did not want to talk about Gardella!

Many thanks

Alexandre Alves Costa

Lisbon, 10 April 2025

⁶ The Inquisition was established in Portugal under João III; the first auto-da-fé took place in 1540, in the presence of the king.

É de Gardella que querem que eu fale?¹

I

Obrigado Paulo, pelo avião.²

Não viajei nele, mesmo quando ilustrou genialmente o meu pensamento e as minhas razões.

O teu avião não necessita, para se mover, de vencer obstáculos físicos, abertos para ele. Percorre a liquidez que sinto na sua pureza metafísica.

Não me transporta, ajuda-me. Leva-me a Itália.

Comove-me.

II

Advertência

Gosto de partilhar, impudicamente, o meu estado de espírito, dando nota de apontamentos que talvez contenham, para minha vergonha, alguns aspetos autobiográficos.

Pelo menos sei, com Almada Negreiros, que não sendo científicos, também não são falsos.

Tratando-se de Itália, a minha paixão extravasa a lucidez e eu fico grato por me ajudarem a sair da mediania do politicamente correto.

Mas de repente entrei em contacto visual com La Capitana³ e apercebi-me que a sua distinção da Meloni era a cor, o tom moderno e o sorriso falso.

Cuidado amigos, porque é estuporada a nossa cidade, o nosso bem estar, os nossos amores, alegrias e tristezas. Teremos, terei, coragem para continuar, mesmo lembrando a amargura que sentiu o nosso colega Rutilio Ceccolini?⁴

E verdade que hoje o espectro político, tem como referência programática estrutural, a chamada estabilidade político/social, simbolizando a necessária moderação e equilíbrio que se pede a qualquer político.

Advirto-vos que estou do outro lado e que, neste momento, defendo convictamente a instabilidade antifascista, criativa e revolucionária.

1 Ignazio Gardella, Milão, 1905/1999. Trata-se um muto amado colega italiano, responsável, com outros, pela renovação ou superação da linguagem do Moderno. A utilização do seu nome é metafórica e nada tem de menos-prezo pela sua obra.

2 Referência à fotografia de Paulo Catrica (Lisboa, 1965) tirada vigia de um avião em voo, que foi utilizada no cartaz do congresso “À margem”.

3 Ines Donati, conhecida como La Capitana, era uma ativista nacionalista e fascista, entre as raras mulheres que acompanhou Marcha de Roma.

4 Autor do projeto para o Monumento de Ines Donati em San Severino Marche, 1928.

III

Quando Calienta el Sol⁵

Para mim é evidente, não será para outros, que não interessa estabelecer nenhuma estrutura de cruzamentos e de inter-influencias negativas ou positivas entre a arquitetura italiana e a portuguesa. Aliás é relativamente facil encontrar essas relações e, digo mais, um pouco provocatoriamente, até com a arquitetura da Ilha de Java seria possível.

É interessante como, quando se quer estudar, analisar ou criticar um conjunto significativo de obras, seja num tempo, numa paisagem ou num país, se procuram os fatos políticos que, eventualmente as justificam, esquecendo que a memória, as circunstâncias sempre precárias, a infinita criatividade do homem, as suas enormes fraquezas e imensas qualidades, etc. são, provavelmente, mais relevantes no caso a caso de cada obra, em cada momento.

Mas que me pedem? Que fale de Gardella, de Aymonino, de Libera, de Távora, de Alberti, de Vitruvio, de Diogo de Sagredo, de Nuno Portas?

Talvez do mestre Diogo de Torralva a quem D. João III encomendou um Templo a imitar o de Delfos, para transformar Évora numa Cidade Romana e ele, bom entendedor do Antigo,

construiu um Aqueduto que foi escondido, para ser descoberto, mais tarde, como antiguidade. Parece-nos, Évora, depois destas operações, ainda mais rural e pastoril.

Não me parece provável que queiram recordar D. Miguel da Silva, Bispo de Viseu e Cardeal da Igreja Católica Romana que morreu em Roma, objeto da animosidade do nosso jovem monarca.

D. Miguel convidou o arquiteto italiano Francesco da Cremona para vários projetos, entre os quais a Capela/Farol de São Miguel-o-Anjo, no Porto, primeiro edifício inteiramente renascentista em Portugal.

Talvez queiram lembrar o nosso grande humanista, Francisco de Holanda, que privou com Miguel Ângelo e que no relatório da bolsa que the tinha sido atribuida pelo monarca, “Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa” de 1571, ilustrado com desenhos

maravilhosos, investigou o que havia em Roma e faltava à nossa Capital?

Mas querem que fale do Gardella?

Não amigo, não é sobre arquiteturas nem arquitetos que lhe pedimos uma reflexão. É sobre conceitos, evidentemente com origem em obra, mas esqueça a obra...

5 Refere-se a uma famosa canção em língua espanhola lançada em 1961, que mais tarde foi reinterpretada por muitos artistas, entre eles a americana Connie Francis.

Então deixo isso aos historiadores e eles que se divirtam, com confiança, porque nós apoiamos esses estudos eruditos sobre as nossas obras ou as dos nossos amigos.

Mas, afinal, o que me interessa em Itália?

Interessa-me a luz, tão clara e tão transparente que, quando a olhamos, não são os seus efeitos exteriores sobre a terra o que sentimos, mas a sua condição própria.

O tempo atual não é luminoso, submergido numa cota de escuridão donde espera sair para aniquilar os que o querem aniquilar.

Talvez por isso o nosso D. João III, tivesse ilustrado os seus bolseiros em Itália, tão extraordinariamente rica na sua diversidade, mesmo depois de Garibaldi.

Mais tarde, arrependido, pegou-lhes fogo num “auto da fé», em Lisboa, torturados e julgados pea Santa Inquisição.⁶

Claro que a limpidez daquele céu, evitou a dor e as cinzas, que espalhadas pelo mundo continuam a nossa esperança.

Não, não era de Gardella que eu queria falar!

Muito obrigado.

Alexandre Alves Costa

Lisboa, 10 de Abril de 2025

⁶ A Inquisição foi instituída em Portugal no reinado de D. João III, tendo o primeiro auto da fé, na presença do rei, ocorrido em 1540.

È di Gardella che volete che parli?¹

I

Grazie, Paulo, per l’aereo².

Non ci ho viaggiato, anche quando hai illustrato brillantemente i miei pensieri e le mie ragioni.

Il tuo aereo, per muoversi, non ha bisogno di superare gli ostacoli fisici che gli si aprono davanti. Percorre la liquidità che sento nella sua purezza metafisica.

Non mi trasporta, mi aiuta. Mi porta in Italia.

Mi commuove.

II

Avvertenza

Mi piace condividere, impudentemente, il mio stato d’animo, annotando appunti che forse contengono, con mia vergogna, qualche aspetto autobiografico.

Almeno so, con Almada Negreiros, che non essendo scientifici, non sono nemmeno falsi.

Quando si tratta dell’Italia, la mia passione va oltre la lucidità, per cui sono ad essi grato per aiutarmi a uscire dalla medietà del politicamente corretto.

Ma all’improvviso ho incrociato lo sguardo con La Capitana³ e ho capito che a distinguerla dalla Meloni erano il colore, il tono moderno e il sorriso finto.

Attenzione amici, perché la nostra città è sfasciata, così come il nostro benessere, i nostri amori, gioie e tristezze. Avremo, avrò, il coraggio di continuare, magari ricordando l’amarezza provata dal collega Rutilio Ceccolini⁴?

È vero che oggi lo spettro politico ha come riferimento programmatico strutturale la cosiddetta stabilità politico-sociale, simbolo della necessaria moderazione e dell’equilibrio che si richiede a qualsiasi politico.

Vi avverto che sto dall’altra parte e che, al momento, difendo convintamente l’instabilità antifascista, creativa e rivoluzionaria.

¹ Ignazio Gardella, Milano 1905-99. Si tratta di un collega italiano molto amato, responsabile, con altri, del rinnovamento o superamento del linguaggio del Moderno. L’utilizzo del suo nome è metaforico e non esprime affatto una sottovalutazione della sua opera.

² Riferimento alla foto di Paulo Catrica (Lisbona, 1965) scattata dall’oblò di un aereo in volo, che è stata utilizzata nel manifesto del convegno “À margem”.

³ Ines Donati, detta La Capitana, era un’attivista nazionalista e fascista, tra le rare donne che presero parte alla marcia su Roma.

⁴ Autore del progetto per il monumento a Ines Donati a San Severino Marche, 1928.

Cuando Calienta el Sol⁵

È chiaro per me, e non lo sarà per altri, che non è interessante stabilire una qualche struttura di incroci e di influenze negative o positive tra l’architettura italiana e quella portoghese. Anzi, è relativamente facile trovare queste relazioni e, dirò di più, un po’ provocatoriamente, sarebbe addirittura possibile farlo pure con l’architettura dell’isola di Giava.

È interessante notare come, quando si vuole studiare, analizzare o criticare un insieme significativo di opere, appartengano ad un’epoca, ad un paesaggio o ad un paese, si cerchino i fatti politici che possano giustificarla, dimenticando che la memoria, le circostanze sempre precarie, l’infinita creatività dell’uomo, le sue enormi debolezze e le sue immense qualità, ecc. sono probabilmente più rilevanti nel caso specifico di ogni opera, in ogni momento.

Ma cosa mi chiedete? Di parlare di Gardella, di Aymonino, di Libera, di Távara, di Alberti, di Vitruvio, di Diogo de Sagredo, di Nuno Portas?

Forse del maestro Diogo de Torralva, al quale il re João III commissionò un tempio a imitazione di quello di Delfi, per trasformare Évora in una Città Romana e lui, buon conoscitore dell’Antico, costruì un Acquedotto che venne nascosto, per poi essere scoperto come antichità. Dopo queste operazioni, Évora ci sembra ancora più rurale e pastorale.

Non mi sembra possibile che vogliate ricordare don Miguel da Silva, vescovo di Viseu e cardinale della Chiesa Cattolica Apostolica Romana, morto a Roma, oggetto dell’astio del nostro giovane monarca.

Don Miguel invitò l’architetto italiano Francesco da Cremona per vari progetti, tra cui la Cappella/Faro di San Michele Arcangelo a Porto, il primo edificio interamente rinascimentale del Portogallo.

Forse volete ricordare il nostro grande umanista, Francisco de Holanda, che trattava da pari Michelangelo e che, nella relazione della borsa concessagli dal monarca, “Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa” (Delle opere che mancano alla città di Lisbona n.d.t.) del 1571, illustrata con meravigliosi disegni, indagò su ciò che c’era a Roma e mancava alla nostra capitale?

Ma volete che parli di Gardella?

No amico, non le chiediamo una riflessione sull’architettura o sugli architetti. Bensì sui concetti, ovviamente a partire dalle opere, ma dimentichi le opere...

Allora lascio fiducioso la parola agli storici, che si divertano loro, perché noi basiamo questi studi eruditi sulle nostre opere o su quelle dei nostri amici.

Ma alla fine, cosa mi interessa dell’Italia?

Mi interessa la luce, così chiara e trasparente che quando la guardiamo non

5 Si riferisce a una celebre canzone in lingua spagnola pubblicata nel 1961, che in seguito è stata reinterpretata da molti artisti, tra cui l’americana Connie Francis.

avvertiamo i suoi effetti esterni sulla terra, ma la sua stessa condizione.

Il tempo presente non è luminoso, è immerso in uno strato di tenebre da cui spera di emergere per annichilire chi vuole annichilirlo.

Forse per questo il nostro re João III avrà dato lustro ai suoi borsisti in Italia, così straordinariamente ricca nella sua diversità, anche dopo Garibaldi.

Più tardi, pentito, li ha dati alle fiamme in un autodafé a Lisbona, torturati e condannati dalla Santa Inquisizione.⁶

Certo, la limpidezza di quel cielo ha evitato il dolore e le ceneri che, sparse per il mondo, preservano la nostra speranza.

No, non volevo parlare di Gardella!

Molte grazie

Alexandre Alves Costa

Lisbona, 10 aprile 2025

6 L’Inquisizione venne istituita in Portogallo sotto João III, il primo autodafé, alla presenza del re, avvenne nel 1540.